

EDITORIAL

Nós, os naparamas

*"- Esse quem era? - Esse é um 'naparama'.
(...) Eram guerreiros tradicionais, abençoados pelos feiticeiros, que lutavam
contra os fazedores da guerra. (...) Me veio um desejo: me juntar aos
naparamas. Eu queria ser um desses guerreiros de justiças. Já me via (...)
colares, fitas e feitiços me enfeitando."*

Mia Couto, in Terra Sonâmbula.

Achamos oportuno trazer esta idéia dos *naparama*, encontrada em Mia Couto, porque consideramos esse número do Jornal Eletrônico do Laboratório de Educação e Imagem, de certa forma, como um "conselho virtual de *naparamas*" – dos guerreiros pela educação, pela cultura e pela arte, e formadores de outros tantos *naparamas*. Não que outros deles não tenham já passado por aqui em outras edições. Muitos *naparamas* têm estado presentes neste jornal em outros momentos, bem como certamente vão aparecer muitas outras vezes em muitos outros números.

O grupo de pesquisa [Memórias, narrativas e processos de atualização identitária em contextos educativos](#) organizou esta edição do jornal com a preocupação de divulgar como esses "guerreiros" e "guerreiras" estão pensando, sentindo e trabalhando em suas áreas de atuação.

Como a nossa pesquisa neste momento tem como foco as memórias, narrativas e práticas da diáspora africana no Brasil e as redes educativas que se estabelecem a partir delas, trouxemos um pouco do que temos discutido: os processos educativos, os de atualização identitária e os processos de negociação cultural nos quais estes sujeitos estão envolvidos.

Creemos que falar de práticas culturais afro-brasileiras e de sujeitos afro-descendentes é não só falar de mudanças na forma de olhar para o “outro”, mas para nós mesmos. É falar de cultura popular, de acesso à universidade, de religião e de corporeidade: tudo o que está contemplado aqui nesse número de um ou outro modo, e tudo que tem a ver com as redes educativas nas quais estamos inseridos em nossos cotidianos.

E ainda, como temos entendido no grupo, a arte como uma forma de conhecer, descrever e experienciar as realidades, os discursos da arte – que segundo Bakhtin não acontecem à revelia dos discursos da vida – foram contemplados aqui também.

Nossa proposta aqui foi trazer o diálogo entre os discursos verbais e as imagens, que para nós são suporte material, mas também recurso imagético, reprodutora e criadora de imaginários.

Salman Rushdie ainda outro dia escreveu:

Sou sempre imensamente grato às pessoas que fazem coisas possíveis em meu lugar e trazem, na volta, as fotos. Isso quer dizer que não preciso fazê-las, mas pelo menos sei como são visualmente. Assim, o primeiro sentimento ao olhar essas imagens extraordinárias é de gratidão (seguido rapidamente por um golpe momentâneo de inveja).

Salman Rushdie

Compartilhamos com o autor essa opinião aproveitando para dizer que também estamos imensamente gratos a todas e a todos – educadoras e educadores – que trouxeram as imagens e os textos para compor este número do Jornal Eletrônico. A elas e a eles nossa gratidão e uma pontinha momentânea da chamada “inveja boa”. Que belos textos, que imagens preciosas, que gente interessante!

Estiveram nas escolas e nos circos, nas missas e nos terreiros, nas galerias de arte e nas rodas de jongo; e trazem as narrativas e as imagens desses cotidianos nos fazendo sentir parte deles.

REFERÊNCIAS

– Estrelas Secretas, Salman Rushdie, *in Folha de São Paulo*, “Caderno Mais” de 11 de novembro de 2007